

Canavieiros e claque agitam os corredores

Brasília — Dezenas de trabalhadores na zona canavieira do Pará, portando chapéus de palha, violões, cobertores e uma bandeira brasileira sustentada por uma cana, deram o tom mais agitado à reabertura dos trabalhos parlamentares do Congresso Nacional, que, se atraiu populares, não foi prestigiada pelos políticos, envolvidos com a campanha das eleições municipais.

Pela manhã, já era grande o número de pessoas transitando pelos corredores da Câmara e do Senado. Nos gabinetes (muitos, até sem funcionários), populares procuravam parlamentares, para pedir emprego ou ajuda em dinheiro, como era o caso das estudantes Márcia Lopes Couto, de 18 anos, e Maria Cristina Monte da Silva, de 16 anos, que pelos corredores, tentavam identificar algum deputado para pedir ajuda para uma excursão.

No cafezinho, ponto tradicional de encontro no Congresso, a funcionária Marinalva Souza da Silva teve "mais trabalho" do que nos outros dias. Era lá que o Deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP) aproveitava para falar da rearticulação do grupo Unidade do PMDB e de sua posição frente aos "esquerdistas do Governo".

— Não estou querendo botar a esquerda para fora do Ministério — garantiu.

Enquanto falava com os jornalistas, Cardoso Alves era assediado por populares, em busca de ajuda, dispensando-o sem a menor cerimônia, como faziam outros parlamentares.

Em meio a todo o movimento, funcionários da Câmara e do Senado ultimavam limpeza das duas Casas. Havia baldes com água, latas de cera, escadas, enceradeiras e aspiradores de pó com toda a parte e os fios dos eletrodomésticos dificultavam um pouco o trânsito. Contudo, tanto o diretor-geral da Mesa da Câmara, Paulo Afonso, como o funcionário Francisco de Paula Felício garantiam que o movimento era normal.

Movimento

No salão que dá acesso às galerias, o movimento aumentou por volta das 13h, quando chegaram os cortadores de cana do Pará em busca de apoio dos políticos de seu Estado para a reativação do Projeto Pacal. Também cerca de 200 moradores da cidade-satélite de Ceilândia, que foram ouvir um pronunciamento do Deputado Múcio Athayde (PMDB-RO) atacando o Governo José Aparecido e seu secretariado.

— Apesar de sermos da esquerda, vamos ter que entrar pela direita — dizia um dos moradores de Ceilândia, quando entrava para as galerias, sob os olhares cuidadosos dos seguranças. A seu lado, a dona-de-casa Ercília Silva Aragão, de 63 anos, dizia não saber exatamente o que tinha ido fazer no Congresso:

— Passou um homem num carro de som dizendo que a gente tinha que vir para cá hoje. Que fosse todo mundo pra igreja que lá ia ter ônibus pra trazer quem quisesse vir aqui. Como nós támos querendo tudo, casa, emprego, a gente veio — contou Ercília.

A dúvida foi tirada logo depois: de pontos estratégicos, pessoas puxavam aplausos para o pronunciamento de Múcio Athayde e após o discurso comandavam a volta da claque aos ônibus.

Nos gabinetes, o assunto dominante era a eleição municipal deste ano. O Ministro da Justiça, Fernando Lyra, esteve boa parte da tarde em visita à Câmara e passou pelo plenário onde falou com o diretor-geral, Paulo Afonso, e mais tarde teve uma conversa reservada com o líder do PMDB Pimenta da Veiga.